

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS SOBRE SI MESMO COMO APRENDIZ

Algeless Milka Pereira Meireles da Silva^{1,2}, Mariana Largo Sierra¹, Deydi Saballa¹
¹Universitat de Barcelona, ² Universidade Federal do Piauí

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido no marco de uma pesquisa mais ampla que constitui uma tese doutoral sobre o impacto das experiências de aprendizagem associadas à participação em atividades mediadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na construção da identidade de aprendiz (IdA).

Partindo de uma perspectiva sociocultural e situada do ensino e da aprendizagem (Coll, Onrubia & Mauri, 2007), compreendemos a IdA como o reconhecimento do indivíduo acerca de si mesmo como aprendiz e de sua capacidade para aprender sob diferentes condições e nos diferentes contextos de atividade (Coll & Falsafi, 2010). Além disso, assumimos as experiências subjetivas de aprendizagem, que se situam no âmbito da participação do sujeito nas atividades de aprendizagem, como matriz na qual e através da qual se constroem os significados acerca de si mesmo como aprendiz.

Nesse aspecto, no marco da nova ecologia da aprendizagem (Coll, 2013), consideramos as TDIC como importantes artefatos culturais mediadores no processo de construção da IdA, tendo em vista que estão presentes nos diversos contextos de atividade e que possuem o potencial para ampliar as oportunidades para aprender dentro e fora dos contextos formais de educação.

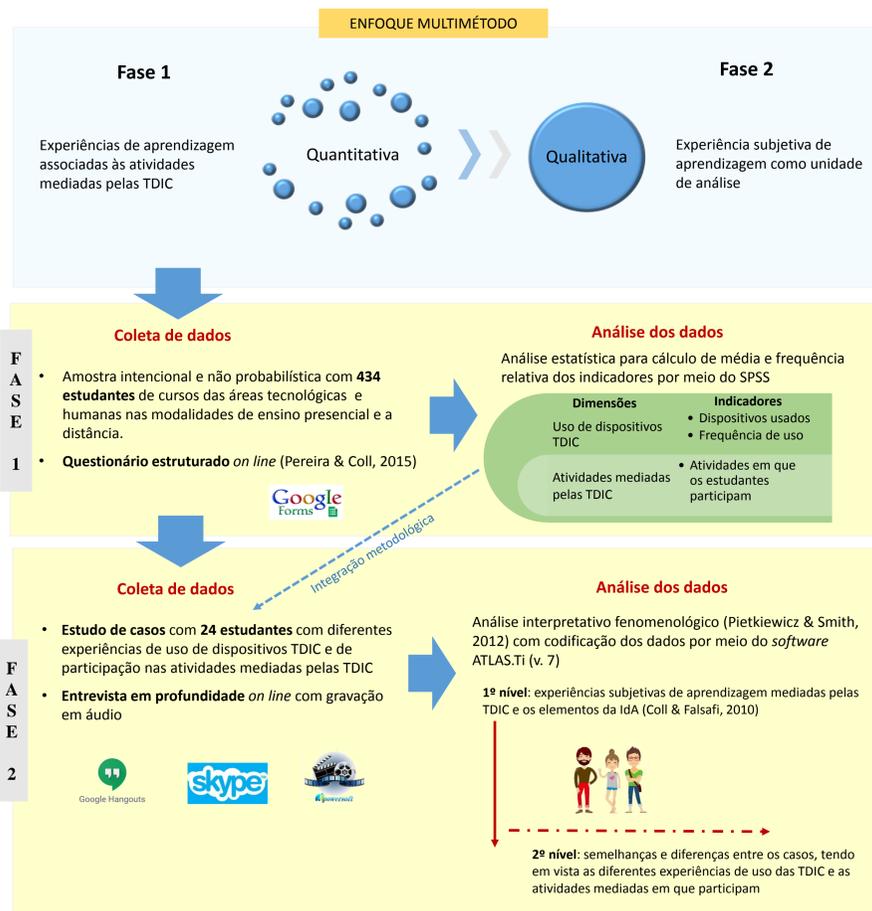
OBJETIVO

Analisar as experiências de aprendizagem de estudantes universitários através da participação em atividades de aprendizagem mediadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) como matriz na qual e através da qual se constroem significados sobre a identidade de aprendiz (IdA).

METODOLOGIA

O estudo empírico possui aproximação multimétodo, que consiste no uso combinado de métodos quantitativos e qualitativos para alcançar de maneira integrada os objetivos de uma mesma investigação (Johnson & Onwuegbuzie, 2004).

Figura 1 – Descrição do enfoque metodológico da pesquisa



RESULTADOS

Fase 1

A amostra da fase 1 reúne 434 estudantes de uma universidade pública brasileira com média de idade de aproximadamente 26 anos (SD=6,6), de ambos os gêneros, matriculados em diferentes cursos da área de humanas e tecnológicas nas modalidades presencial e educação a distância (EAD), em campus universitários ou núcleos localizados na capital e no interior do Piauí, Brasil, conforme apresentado na Fig. 1.

Figura 2 – Caracterização da amostra da fase 1



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos demais membros e colaboradores do GRINTIE (Grupo de Investigación en Interacción e Influencia Educativa), à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à Universidade Federal do Piauí pelo apoio financeiro ao projeto de pesquisa doutoral na qual o presente trabalho está baseado. Processo IBEX 8256-12-8.

Tabla 1 – Percentual de estudantes que usam os dispositivos TDIC

Dispositivo TDIC	Não utiliza (%)	Utiliza (%)		
		Algumas vezes ao mês	Semanalmente (até 4 dias por semana)	Diariamente (ao menos 5 dias por semana)
Computador portátil	10	5	10	75
Smartphone	16	1,5	3	79,5
Impressora multifuncional	27	34	19	20
Computador de mesa	41,5	16,5	7	35
Câmera digital	48,4	28,6	13	10
Gravadores e reprodutores de música e vídeo	49	14	14	23
Datashow ou outros equipamentos de projeção	52	29	11	8
Telefone sem internet	60	7	5	28
Tablet	72	9	6	13
E-book	73	9	7	11
Smart TV	73,5	7	5	14,5
Videojogo	75,6	16,4	4,4	3,7
Lousa interativa	95,5	3	1	0,5

Os estudantes utilizam em média 6 (SD=2,55) dispositivos TDIC, o que corresponde a quase a metade do total de 13 abrangidos pelo questionário.

Os dispositivos TDIC com maior penetração são o computador portátil, o Smartphone e a impressora multifuncional, atingindo acima de 70% dos estudantes.

Os dois utilizados com maior frequência (computador portátil e Smartphone) correspondem a dispositivos de tecnologia móvel que permitem o acesso a internet.

O videogame e a lousa interativa são os que apresentam menor penetração entre os estudantes, sendo utilizados esporadicamente.

Em relação às atividades mediadas pelas TDIC, os estudantes participam em média de 24 (SD=4,9) das 28 que aparecem no questionário.

Fase 2

Tabla 2 – Critérios e definição dos casos da fase 2 em função do uso das TDIC e da participação em atividades mediadas pelas TDIC

Uso dos dispositivos TDIC	Participação nas atividades mediadas pelas TDIC	Área do curso universitário		Modalidade de ensino	
		Técnicas	Humanidades	Presencial	EAD
Muito: usa o Smartphone diariamente, o computador de mesa ou o portátil diariamente e o outro semanalmente	Muitas: número de atividades acima da média (a partir de 25)	Técnicas	Humanidades	5	2
Pouco: não usa o Smartphone, usa o computador de mesa ou o portátil semanalmente ou menos	Poucas: número de atividades abaixo da média (menos que 24)	Técnicas	Humanidades	2	2
	Muitas: número de atividades acima da média	Técnicas	Humanidades	1	-
	Poucas: número de atividades abaixo da média	Técnicas	Humanidades	-	-
TOTAL DE CASOS				24	

Entre os 24 participantes da fase 2, metade é da área técnica e a outra metade de humanas, sendo que a maioria é do gênero masculino (62%) e está matriculada em cursos presenciais (71%) ministrados no interior do Piauí (75%).

Mais de 80% das experiências subjetivas de aprendizagem consideradas pelos estudantes como especialmente enriquecedoras para aprender foram mediadas pelas TDIC.

Entre os contextos sócioinstitucionais das experiências, situam-se: a universidade, locais de trabalho ou estágios profissionalizantes, a escola, a família, as instituições religiosas.

Entre os conteúdos aprendidos, situam-se: temas acadêmicos e de interesse pessoal; competências profissionais e habilidades para resolver problemas cotidianos; valores humanos, princípios religiosos e relações interpessoais.

Em geral, os estudantes consideram que um bom aprendiz se caracteriza por: querer aprender, estar aberto a aprender, a explorar, a escutar as pessoas; reconhecer que não sabe, pedir e aceitar ajuda dos outros; aproveitar recursos e oportunidades para aprender dentro e fora dos contextos formais. Os estudantes se definem como aprendiz com base nesses critérios e no quanto se veem ajustados a eles.

"Eu sou muito explorador e isso facilitou bastante essa questão... às vezes eu estou aqui, mas estou pensando em outro assunto que não está nem relacionado ao momento presente... aí com a tecnologia intensifico um pouco isso, de sair e entrar em cena ao mesmo tempo bem mais rápido, aí eu acho que isso é uma característica minha bem que fica bem acentuada. (Paulo, psicologia presencial, 21 anos)

"Eu sem tecnologia não saberia do que eu sei, não teria todo o conhecimento que eu sei. (...). O computador é minha ferramenta de vida, é minha ferramenta de aprendizagem, de entender as coisas (...) a internet e a tecnologia é meu refúgio de procurar novas coisas". (Tiago, sistemas de informação, presencial, 16 anos)

"Eu me vejo sem aprendizagem (...) Se tirassem o computador e o acesso à internet, acho que só o acesso à internet já limitaria tudo porque a maior parte desses meus estudos é através do uso da internet, então se eu tirasse o meu celular e meu computador..., o meu aprendizado de 100% se tornaria 20%... e seria através de aulas (...) e por meio de livros e da biblioteca (...) que significa de 20% a 30% da minha forma de aprendizado, do que eu tenho como ferramentas para aprender... (...) ao desenvolvimento dos meus projetos e, consequentemente, à minha aprendizagem de outras informações e assuntos dentro e fora do meu curso". (Carlos, computação, presencial, 24 anos)

Em alguns casos, as TDIC ocupam um lugar central em todas as experiências subjetivas de aprendizagem reconstruídas pelo sujeito, que as integra ao sentido de reconhecimento de si mesmo como aprendiz e de sua capacidade para aprender de maneira mais generalizada e transcultural.

Em outros casos, as TDIC podem ocupar um lugar central em determinadas experiências e mais periférico em outras. Os estudantes as consideram importantes mediadores, mas não lhe atribuem o mesmo protagonismo em todas as experiências de aprendizagem, podendo ser fundamentais em umas e dispensáveis em outras.

"Teria sido outra aprendizagem, outra experiência, se eu não tivesse utilizado esses meios, né? Se eu não tivesse os blogs que eu acompanhava". (Adriana, Psicologia, presencial, 22 anos, sobre o uso de blogs na Experiência 1)

"Foi bom visualizar, mas acho que não foi primordial, porque a vivência em relação à atividade foi mais rica e fez mais diferença para mim, até porque são vídeos que a gente encontra na internet, eu teria usado de qualquer forma porque a gente encontra no Youtube, né?" (Adriana, psicologia, presencial, 22 anos, sobre o uso de vídeo na Experiência 2)

Em geral, as reconstruções narrativas dos estudantes sugerem que as experiências subjetivas de aprendizagem mediadas pelas TDIC subsidiaram a construção de significados sobre a IdA e estes constituem as bases para futuras experiências de aprendizagem.

"Aprendendo a gente descobre sobre a gente, sobre as nossas possibilidades, sobre nossos limites, a gente aumenta talvez os limites. A gente reconhece até onde a gente pode ir e até onde a gente não pode ir (...). A gente aprende a lidar com as coisas de outra forma, a ver as coisas, a ver o mundo de outra forma, e a nossa posição a partir disso faz a gente absorver as experiências e aprender de outra forma também". (Adriana, psicologia, presencial, 22 anos)

CONCLUSÕES

A pesquisa evidencia a ampla penetração das TDIC nos vários contextos transitados pelos estudantes, assim como a multiplicidade de experiências em relação ao uso dos dispositivos e à participação em atividades de aprendizagem mediadas por estes artefatos, que se situam no âmbito da nova ecologia da aprendizagem (Coll, 2013).

Em termos gerais, ainda que os estudantes considerem as TDIC como importantes artefatos mediadores da aprendizagem, os resultados sugerem que estas ocupam diferentes lugares no processo de aprendizagem e de construção da identidade de aprendiz. Nesse aspecto, podemos observar que a relevância das experiências mediadas pelas TDIC para a construção de significados sobre si mesmo como aprendiz se vincula não apenas à frequência de uso das TDIC nas atividades de aprendizagem, mas especialmente a como os sujeitos se percebem aprendendo através das TDIC nas diferentes situações e contextos.

Dessa maneira, os resultados nos remetem ao caráter versátil e situado da IdA como ferramenta para aprender (Coll & Falsafi, 2010) e, ao mesmo tempo, reafirmam a necessidade de explorar mais a fundo a relação entre as características das experiências de aprendizagem mediadas pelas TDIC e os diferentes elementos da IdA, sobretudo a construção de motivos e objetivos da atividade. Todos estes aspectos são retomados nas análises levadas a cabo no marco da pesquisa mais ampla sobre o impacto das experiências mediadas pelas TDIC na construção da IdA.

REFERÊNCIAS

- Coll, C. (2013). El currículo escolar en el marco de la nueva ecología del aprendizaje. *Aula de innovación educativa*, 219, 31-36.
- Coll, C., & Falsafi, L. (2010). Learner Identity: an educational and analytical tool. *Revista de Educación*, 353, 211-233.
- Coll, C., Onrubia, J., & Mauri, T. (2007). Tecnología y prácticas pedagógicas: las TIC como instrumentos de mediación de la actividad conjunta de profesores y estudiantes. *Aunario de Psicología*, 38(3), 377-400.
- Johnson, R., & Onwuegbuzie, A. (2004). Mixed method research: a research paradigm whose time has come. *Educational researcher*, 33(7), 14-26.
- Pereira, A. M., & Coll, C. (2015). Content validity of the questionnaire on learning experiences associated with the use of digital information and communication technologies by undergraduates in: International Conference on Research in Educational and Science, 2015, Antalya. *International Conference on Research in Educational and Science (ICRES) 2015: Proceedings Book*. Antalya: International Journal of Research in Education and Science, 179-186.
- Pietkiewicz, I., & Smith, J. A. (2012). A practical guide to using interpretative phenomenological analysis in qualitative research psychology. *Czasopismo Psychologiczne*, 18(2), 361-369.